

IG - 16/03/72 K2R00014

Funai tirou Francisco da frente dos cintas-largas antes de afastar Apoena

São Paulo (Sucursal) — O veterano sertanista Francisco Meireles, pai de Apoena, foi afastado antes de seu filho do trabalho de pacificação dos cintas-largas. Em janeiro ele deixou a chefia da 8a. Delegacia Regional da Funai, em Pôrto Velho, e foi transferido para uma assessoria de pesquisas do órgão, em Brasília.

Depois disso Apoena pediu demissão da chefia do Parque Indígena de Aripuanã, através do Relatório nº 02/72, datado de 7 de fevereiro, mas o pedido não foi aceito. No documento, além de revelar divergências com o novo delegado, o sertanista afirma que "até hoje a Funai, como o INCRA, não tomaram nenhuma providência concreta para solucionar os problemas dos índios e dos colonos da Cia. Itaporanga."

Divergências

O relatório em que Apoena de Meireles solicita demissão foi encaminhado ao General Ismar de Araújo Oliveira, coordenador-geral das operações na Transamazônica. Nêle o sertanista queixa-se da inexperiência do novo delegado destacado para a 8a. Delegacia, General Pedro Botelho.

Afirma que solicitou à Funai total autonomia para trabalhar, mas não foi atendido e, se precisa realizar um vôo urgente de atendimento tem que pedir autorização.

Apoena argumenta que todas as frentes de pacificação da Funai deveriam ser autônomas, cabendo à

presidência do órgão determinar o prazo para os homens, chefes de parques ou expedições, mostrarem sua capacidade de comando, liderança e realizações.

— Porque — pergunta — receber mais determinações de um delegado que ainda vai aprender, um homem motivado mas sem conhecimento do problema? Se eu pedir 10 sacos de farinha ele estranhará. Mas estranha porque não sabe que no mato a farinha é o alimento mais desejado pelo trabalhador. Sardinha, carne enlatada, para que? Ora, se precisamos fazer uma exploração não levaremos mantimentos pesados; sairemos com a farinha, os enlatados e a coragem.

Resultados

Apoena de Meireles afirma que o aparelho burocrático é montado de tal maneira que os trabalhos no sertão ficam entravados, "aos poucos nós vamos perdendo as esperanças, sentindo a inutilidade das nossas lutas, dos nossos sonhos. E contemplando, sem nada poder fazer, a invasão das terras que fomos os primeiros a conquistar."

O pedido de demissão de Apoena de Meireles não foi aceito na ocasião. Ele permaneceu na chefia do Posto de Aripuanã até que, há poucos dias, em Brasília, foi surpreendido com a sua destituição e remoção para a chefia de uma pequena frente de atração dos índios na serra do Cachimbo, para o trabalho de pacificação dos krenhakarores.

A morte de Possidônio

Em outro relatório, sem data, também dirigido ao coordenador-geral da Transamazônica, com o timbre de *confidencial*, Apoena de Meireles solicita que o Posto Roosevelt passe a ser denominado Posto Indígena Possidônio Cavalcante Bastos e o Posto de Serra Morena, a Posto Indígena Acrísio Camilo de Lima, numa homenagem aos dois jovens que contribuíram e morreram pela causa indígena.

No mesmo documento o sertanista historia a morte do repórter sertanista, ao mesmo tempo em que traça a situação reinante no posto de atração até o ataque que o destruiu no dia 16 de novembro do ano passado.

"Os índios foram sempre humildes e obedientes. Sempre que vinham ao posto de Riozinho reclamavam, ao passarem pela gleba Itaporanga, das grandes derrubadas, e sentiam que a presença daquela gente nos desagradava, pois éramos ali recebidos com reservas.

No dia 14 de novembro, enquanto eu retornava da expedição do Rio Branco, navegando de subida o encachoeirado rio, lá nas margens do Roosevelt o sertanista Possidônio Cavalcanti Bastos e o auxiliar Acrísio Camilo de Lima viviam seus últimos momentos.

Os tropeiros saíram do

Posto Roosevelt dia 15, ali deixando os índios verbalmente brigando entre si, pois uns 15 índios de uma outra aldeia, onde presume-se esteja vivendo o garimpeiro Didi, chegaram ao posto, deixando os índios da aldeia com a qual estávamos em contato aborrecidos. Havia no posto cinco índios amigos nossos, pertencentes a aldeia cujo chefe aprovava o contato conosco. Os da outra aldeia, sempre que vinham ao Roosevelt, ficavam escondidos no mato e não atendiam aos convites para reunir-se ao nosso pessoal.

Os cinco índios da tribo amiga começaram a dizer que os arredios eram *pauaitin ruim* — índios ruins — e gesticulando pediam a Possidônio que atrasse neles. Após a discussão os 10 índios da aldeia ainda arredia foram embora, permanecendo cinco no posto juntamente com os outros com os quais já tínhamos contato.

Após novas discussões, os cinco índios da aldeia inimiga, quando os tropeiros já se retiravam para Riozinho, afastaram-se para ir embora, quando então Possidônio convidou-os a voltar dizendo a eles que era amigo de todos.

Supomos que depois os índios da aldeia inimiga atacaram o posto, mataram nossos companheiros e raptaram os índios amigos.

O impasse

Segundo Apoena, a discussão entre os índios, que redundou no ataque ao posto e na morte dos sertanistas, baseou-se nos seguintes pontos:

a) — Os índios da aldeia inimiga, com os quais estávamos em contato, naturalmente nos acusavam de sermos pontas-de-lança dos invasores e convidavam os nossos amigos a massacrar-nos ao nosso pessoal. b) — Os índios que eram nossos amigos tentavam evitar o massacre, prevenindo Possidônio do perigo que corria. Mas ele tentou pacificar os grupos e acabou morrendo.

Seria possível — prossegue Apoena — estarem os índios atacantes obedecendo instruções do garimpeiro Didi? Após dois anos de convivência na aldeia deles, Didi, hoje, provavelmente domina o dialeto e com os seus conhecimentos deve ser uma figura de destaque dentro da tribo.

Apoena reforça a suposição afirmando ao General Ismar que "não encontramos as máquinas fotográfica, de escrever e o gravador de Possidônio. Para

que serviriam aos índios tais materiais?"

E finalizando o relatório, o sertanista preconiza, em seis pontos, as medidas que deveriam ser tomadas pela Funai para garantir o clima de tranquilidade na região: "retirada de todos os colonos que estiverem além de 30 quilômetros da BR-364 em direção ao Roosevelt; instalação de um posto de vigilância da Funai na gleba Itaporanga, a fim de serem evitadas novas invasões; caso os índios insistam em atacar com armas de fogo, revidaremos com tiros para o alto, para que eles vejam que possuímos muitas armas e não temos medo deles. Faremos tiro-ao-alvo para que eles notem que atiramos bem e ainda não os alvejamos porque queremos fazer deles nossos amigos; confirmada a presença do garimpeiro Didi na aldeia, penetremos com cerca de 60 homens em direção as aldeias dos índios, andando à noite e, durante o dia, sustentando os ataques. Finalmente, se os índios aceitarem os brindes que passamos a colocar nos tapiris, e não nos atacarem mais, obedeceremos a forma tradicional de atração."

Rondon põe militar na Inconfidência

Belo Horizonte (Sucursal) — O coronel Milton Dias Mota, do Exército, assumiu, ontem, por designação do Governador Rondon Pacheco, a direção da Rádio Inconfidência, emissora oficial e uma das maiores do Estado em audiência, faturamento e programação.

A emissora passou a pertencer a Fundação Pandiá Calógeras e, devido a dificuldades que estão sendo examinadas pelo Sindicato dos Radialistas, pela primeira vez em sua história está em atraso de um mês no pagamento aos seus empregados.

O Sindicato dos Radialistas reivindicava a nomeação de um profissional para a direção da rádio, já que existem denúncias de que a receita da emissora estaria sendo desviada para pagamento de outros setores da Fundação Pandiá Calógeras.